

Apresentação

O número 2 do volume 7 da Revista *Fórum Linguístico* contém cinco artigos assim distribuídos por área: três voltados à Análise do Discurso em diferentes vertentes e interfaces; um que contempla a questão do ensino a distância, com atenção especial ao uso de nomes próprios; e um que trata de sistematizar os usos de antropônimos no português escrito. Esses artigos são brevemente apresentados a seguir.

No artigo *A retórica entre o discurso e a cognição: a mesclagem conceptual como estratégia argumentativa*, Diogo Oliveira Ramires Pinheiro e Luciano Carvalho do Nascimento conjugam, numa abordagem interdisciplinar, a Análise do Discurso e a Linguística Cognitiva, com vistas a identificar uma estratégia comum de persuasão na análise de três textos argumentativos distintos. Os autores sustentam duas hipóteses, uma discursiva e descritiva, e outra cognitivista e explicativa, respectivamente: (i) o processo de ficcionalização, relacionado ao *logos* aristotélico, incrementa o poder de convicção de um texto; e (ii) tal relação é motivada pelo processo de mesclagem conceptual – habilidade cognitiva de (re)criar a realidade. Evidenciam, assim, a interdependência entre as perspectivas discursiva e cognitivista: a mesclagem, mecanismo subjacente à ficcionalização que viabiliza a argumentação por *logos*, promove compressão conceptual e a sensação de *insight global* de convencimento.

Em seu texto *Madonna, a parrésia, o simulacro*, Atílio Butturi Junior, assumindo uma perspectiva arqueogenalógica – assentada nas noções foucauldianas de *cuidado de si* e de *parrésia* –, discute o discurso de Madonna segundo seu relacionamento possível com a noção de *parrésia* cínica, observando como os mecanismos dessa modalidade de dizer o verdadeiro teriam auxiliado na transformação pela qual passara o modelo de artista pop. O autor analisa três enunciados de Madonna – o livro *Sex*, lançado em 1992, e duas entrevistas contemporâneas a ele – comparando-os às características da *parrésia* cínica e às noções de sedução e gozo, de Baudrillard. O autor conclui ser fundamental pensar o discurso de Madonna “como simulacro de *parrésia*, já que não implica nem uma transformação e um cuidado de si que incorra risco, nem um dizer verdadeiro que exija coragem efetiva. Tudo se passa numa *pop-bajulação*.”.

Patrícia Marcuzzo, em *Ciência em debate: uma análise do gênero notícia de popularização da ciência*, apresenta uma análise da multiplicidade de vozes apresentadas em notícias de popularização da ciência, em trinta exemplares de notícias dos sites *BBC News* e *Scientific American*, tomando como suporte teórico a Análise Crítica do Discurso. A autora agrupa as vozes em quatro posições enunciativas: o pesquisador responsável pelo estudo reportado; o pesquisador colega/ técnico/ instituição ligado ao assunto reportado; o governo; e o público em geral, além do jornalista que escreveu a notícia. Os resultados mostram que, no debate sobre descobertas científicas textualizado nas notícias de popularização da ciência, mais poder é atribuído ao pesquisador e ao pesquisador colega/ técnico/ instituição, em função do destaque recebido por essas posições enunciativas, seja pelo modo como são representadas, seja pela recorrência. As posições enunciativas do governo e do público, por sua vez, são menos mencionadas nesses textos.

Wellington do Oliveira, no artigo *A constituição do padrão interacional em um curso a distância: movimentos crítico-colaborativo*, discute o desenvolvimento crítico colaborativo das interações entre aluno e professor e entre alunos, mediadas pelas novas tecnologias, buscando compreender o processo pedagógico reflexivo que se configura nesse espaço educativo. O autor evidencia que o padrão interacional se movimenta de uma configuração a princípio autocêntrica (centrada no próprio locutor) para uma configuração alocêntrica (centrada no outro), de modo que cada um dos participantes constrói uma forma de participação em equilíbrio com os demais no desenvolvimento dos turnos, resultando daí um processo pedagógico virtual plural e dialógico. A análise focaliza o uso de elementos dêiticos, e especialmente dos nomes próprios, associados a saudações, elogios etc, que assinalam a dialogicidade e o comprometimento entre os participantes.

Fechando este número, no artigo intitulado *Classificação dos usos de antropônimos no português escrito*, Eduardo Tadeu Roque Amaral, apoiando-se em pesquisas recentes sobre os chamados *nomes próprios modificados*, analisa diferentes usos de antropônimos coletados em textos de língua portuguesa publicados em maio de 2009 no jornal *Folha de S. Paulo*. Seu trabalho teve como objetivo propor uma classificação semântica para os usos de antropônimos encontrados, observando-se aspectos relativos à referência, no intuito de evitar a dicotomia entre nomes próprios *modificados* e *não modificados*, bem como a oposição entre *nomes próprios* e *empregos derivados de nomes próprios*, presentes em trabalhos sobre o tema. Foram identificados três grupos de interpretações para os sintagmas nominais formados a partir de antropônimos, estabelecendo-se, assim, uma sistematização dos usos.

Em nome da equipe editorial, registramos nosso agradecimento aos autores que enviaram seus artigos e aos pareceristas que se dispuseram a avaliar os textos e oferecer sugestões, enfim, a todos que contribuíram para que este número da revista pudesse ser publicado no prazo previsto.

Rosângela Hammes Rodrigues
Edair Maria Görski
Editoras da Revista